

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: O QUE SABEM OS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

EMOTIONAL INTELLIGENCE: WHAT EARLY CHILDHOOD TEACHERS KNOW



ANNA PAULA MOTA TEIXEIRA MEZABARBA ALVES

Graduação em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário de Barra Mansa (2003); Especialista em Metodologias do Ensino das Ciências Biológicas pela Faculdades Integradas de Jacarepaguá (2009); Professora de Ensino Fundamental II – Ciências – na EMEF Dom Paulo Rolim Loureiro.

RESUMO

Este trabalho pretende constar a realidade sobre o conhecimento dos professores da educação infantil sobre inteligência emocional, dada a sua importância na vida do ser humano, principalmente na faixa etária de 0 a 5 anos. O trabalho trata-se de um estudo teórico sobre o tema, com o objetivo de conhecer a importância da inteligência emocional nesta faixa etária e o papel do educador neste processo de desenvolvimento infantil. O estudo teórico deixa claro que é extremamente importante o desenvolvimento da relação intrapessoal e interpessoal no desenvolvimento dos seres humanos desde seu nascimento.

Palavras-chave: Inteligência emocional; educadores; estudantes; família.

ABSTRACT

This paper aims to establish the reality of early childhood education teachers' knowledge of emotional intelligence, given its importance in the lives of human beings, especially in the 0-5 age group. The work is a theoretical study on the subject, with the aim of understanding the importance of emotional intelligence in this age group and the role of the educator in this process of child development. The theoretical study makes it clear that the development of intrapersonal and interpersonal relationships is extremely important in the development of human beings from birth.

Keywords: Emotional intelligence; educators; students; family.

INTRODUÇÃO

A humanidade atravessa um momento marcado por conflitos, guerras, drogas, crimes hediondos, mostrando um quadro claro onde predomina a intolerância, individualismo, desrespeito competitividade e violência. Sinais evidentes de uma sociedade emocionalmente doente.

A situação caótica que permeia todos os cantos do planeta é um fato de uma cultura que valoriza mais a razão, o intelecto, do que a emoção, esquecendo-se de que somos seres humanos dotados de corpo, mente e emoção. Presenciamos, então, uma situação de desequilíbrio generalizado com crise econômica, crise política, crise ecológica, crise de educação, enfim, crise de paradigma.

Em meio a esse quadro de incertezas, está a educação que também é afetada pela instabilidade que atinge o pensamento contemporâneo e suas estruturas sociais.

Vivendo uma situação paradoxal, a educação encontra-se por um lado a serviço do poder, atendendo às exigências do capitalismo globalizado, mantendo essa situação desumana de desigualdades, alimentando posturas que disciplinam, controlam, acomodam, adestram, formando pessoas limitadas, tímidas, acomodadas, que na maioria das vezes sentem vergonha de lutar pelos seus próprios direitos ou ainda contribui para a formação de pessoas egoístas, individualistas, competitivas, tendo como objetivo principal ser um profissional de sucesso a qualquer preço. Seria essa a função da escola?

Por outro lado, a escola é tida como “salvadora da pátria”, pois sendo um espaço privilegiado de aprendizagem de valores, é impelida a buscar um caminho, a construir uma ordem mais equilibrada e mais solidária. Para cumprir essa tarefa ela tem que rever seus valores, sua forma de educar, e assumir seu verdadeiro e importante papel de formação do ser humano integral.

A escola de educação infantil, neste cenário, tem um papel de vital importância na formação dessas novas gerações, que precisam urgentemente resgatar valores como: respeito, solidariedade, amizade, moral, ética, desenvolver o equilíbrio ente razão e emoção. Esta nova escola teria a tarefa de promover um ambiente onde os estudantes possam, como cidadãos, prontos para atuar de forma organizada, transformando o mundo à sua volta e fazendo dele um lugar para ser feliz e fazer outros felizes.

EDUCAÇÃO: RESPONSABILIDADE DE TODOS

Educar sempre foi um tema muito debatido em nosso meio. A educação formal, até pouquíssimo tempo só se preocupava com os estudantes a partir de sete anos, deixando para a família a formação dos menores até seis anos.

Hoje, a Educação Infantil faz parte da educação básica sendo considerada a base da vida acadêmica, pois oportuniza a criança mais um espaço de convivência, com ricas trocas de experiências contribuindo na sua formação integral.

A primeira oportunidade para moldar os ingredientes da inteligência emocional é nos primeiros anos, embora essas aptidões contribuam a formar-se durante todo o período escolar. As aptidões emocionais que, posteriormente, as crianças adquirem, formam-se em cima daquelas aprendidas nos primeiros anos (GOLEMAN 1995, p. 207).

Se esse alicerce é fundamental para a vida, e se a escola também faz parte da vida das crianças, fica clara a necessidade da parceria entre a família/escola, e a cumplicidade na maneira de conduzir esta formação, tendo em mente que esse ser humano aprende em contato com o outro, vivendo e convivendo.

Faz-se necessário então, ter como pano de fundo a inteligência emocional (relação intrapessoal e relações interpessoais), proporcionando aos aprendizes condições de si desenvolverem num ambiente mais harmonioso, contribuindo para formação de pessoas mais humanas e mais felizes.

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

GARDNER (1984), psicólogo norte-americano, doutor pela Universidade de Haward, onde suas atividades estão centradas hoje, dentre elas a de professor titular de ciências cognitivas e professor adjunto de neurologia da faculdade de Boston, cidade onde mora atualmente. Em seu livro “Inteligências Múltiplas”, escreveu com base nas descobertas feitas pelo núcleo de pesquisa que investigou sobre a atuação dos neurônios e do sistema nervoso central.

Seus estudos põem abaixo a ideia de inteligência como bloco único, medida através de teste de QI. Este teste que era usado para medir coeficiente de inteligência na época, era defendido por Albert Binet em Paris, 1900, como uma condição genética que definia a estrutura da competência intelectual humana em dois aspectos: verbal e o lógico-matemático.

[...] Antes de tudo, o movimento de QI é cegamente empírico. [...] Não tem nenhuma visão de processo, de como se procede para resolver um problema; [...] fundamenta-se pesadamente na linguagem e na habilidade da pessoa de definir palavras, conhecer fatos sobre o mundo, encontrar conexões (e diferenças) entre conceitos verbais (GARDNER 1994, p. 14).

GARDNER (1994), diz que há evidências persuasivas para a existência várias competências intelectuais humanas autônomas, que ele chama de inteligências humanas. Segundo ele, no dia a dia, essas inteligências trabalham em harmonia.

Comparando-as com os órgãos do corpo, diz GARDNER 1994, que todos são importantes, e tem sua parcela de contribuição no todo. O Funcionamento de cada um e seu desenvolvimento é específico, obedece a um ritmo próprio, assim acontecendo com as inteligências, todas são importantes, sendo que cada uma tem suas particularidades e suas bases biológicas, elas devem ser como um sistema próprio e com suas próprias regras.

Dentre as inteligências já catalogadas por ele estão as pessoais e inteligência interpessoal e intrapessoal, que GOLEMAM (1995), vem mais tarde denominá-la de Inteligência Emocional.

GARDNER (1994) e GOLEMAM (1995) usam termos diferentes que expressam ideias sobre o mesmo assunto, porém com particularidades. O primeiro autor ao falar das inteligências pessoais descreve-as como anormais, diz que podem ser estimuladas, mas ninguém pode garantir se serão usadas para o bem ou para o mal. Um golpista com uma inteligência interpessoal e intrapessoal muito desenvolvida pode planejar golpes mais perfeitos que outro sem estas habilidades, e quanto maior habilidade nestes aspectos mais brilhantes serão seus golpes. O segundo autor, quando expressa inteligência emocional, preocupa-se com a educação dessas relações, acreditando que levará a pessoa a um comportamento equilibrado e quanto mais desenvolvida a inteligência, mais equilibrada emocionalmente será essa pessoa, mais segura, mais feliz.

Nos conceitos dos termos não se observa divergências entre a inteligências pessoais e inteligência emocional. As relações intrapessoal e interpessoal, são explicadas de formas diferentes.

E última análise as inteligências pessoais correspondem a capacidades de processamento de informações, uma relacionada para dentro e outra para fora – que se encontra disponível para qualquer ser humano como parte de seu direito de nascimento de sua espécie -. [...] A capacidade de conhecer-se e de conhecer outros é uma parte inalienável da condição humana quanto à capacidade de conhecer objetos ou sons, e merece ser investigada não menos do que estas outras formas não menos “carregadas” (GARDNER 1994, p. 188).

Segundo GOLEMAN (1995), podemos entender inteligência interpessoal como capacidade de compreender outras pessoas e o que as motiva; e inteligência intrapessoal como capacidade de autoestima e de formar um modelo coerente e verídico de si mesmo, usando esse modelo para ser feliz.

A emoção, sentimento complexo e tão importante para os seres humanos, que de acordo com a idade, de uma outra forma, com mais ou menos intensidade vai influenciar nas relações durante toda a vida.

[.] Eu entendo que a emoção se refere a um sentimento e seus pensamentos distintos, estados psicológicos e biológicos e a uma gama de tendências para agir. Há centenas de emoções, juntamente com suas combinações, variações, mutações e matizes. Na verdade, existem mais sutilezas de emoções do que palavras que temos para defini-las. [...] Ao buscar princípios básicos, sigo Ekman e outros no pensar nas emoções em termos de famílias ou dimensões, tomando as famílias principais – ira, tristeza, temor, medo, amor, surpresa, nojo e vergonha – como exemplo de intermináveis matizes de nossa vida emocional. Cada uma dessas famílias tem no centro um núcleo emocional básico, com os parentes partindo dali em ondas de incontáveis mutações (GOLEMAN 1995, p. 303,304).

O INÍCIO DE TUDO: A FAMÍLIA

GOLEMAN (1995), baseado numa pesquisa nos EUA, sobre a origem do aprendizado emocional, nos diz que: “E na tenra infância, no berço, que as crianças recebem dos pais os ensinamentos emocionais que as levarão para suas vidas”:

Os três ou quatro primeiros anos de vida são um período em que o cérebro da criança cresce até cerca de dois terços de seu tamanho final, e voltará a evoluir em capacidade num ritmo que nunca mais voltará a ocorrer. É neste período, mais do que na vida posterior, que os principais tipos de aprendizagem ocorrem mais facilmente – e a aprendizagem emocional é a mais importante. Nessa época, a tensão severa pode prejudicar os centros de aprendizagem do cérebro (e, portanto, o intelecto) (GOLEMAN 1995, p. 210).

O tratamento recebido pelo bebê desde os seus primeiros dias de vida, refletirá no seu comportamento imediato e a frequência com que esse tratamento ocorre vai do desenvolvimento emocional positivo ou negativamente dependendo da qualidade das relações.

Se uma criança é tratada com carinho, amor, num clima de tranquilidade, respeito, envolvimento familiar, responderá de forma positiva e registrará essas impressões que farão parte de sua bagagem emocional. Se ao contrário, o tratamento for agressivo, hostil num clima de indiferença, tensão, conflitos, insegurança, agressões, esta criança estará aprendendo esse tipo de comportamento, reagindo assim, da mesma forma e conseqüentemente estará sedimentando esta bagagem emocional que refletirá na vida mais tarde.

Os problemas são maiores para as crianças cujos os pais são grosseiramente ineptos – imaturos, viciados em drogas, deprimidos ou cronicamente raivosos, ou simplesmente desorientados e vivendo de forma desordenada. Pais nesta situação, tendem a não cuidar adequadamente de seus filhos e, muito menos, a entrarem em sintonia com as necessidades emocionais deles. Há estudos que constataam que a negligência, pura e simples, pode ser mais prejudicial do que os maus tratos diretos (GOLEMAN 1995, p. 209,210).

Falando sobre a agressividade passada de geração a geração e seus efeitos para toda a vida causados por pais emocionalmente ineptos, (GOLEMAN, 1995), relata estudos longitudinais feitos com um grupo de 870 pessoas no estado de Nova Iorque, EUA, acompanhados dos oito aos trinta anos, chegando as seguintes conclusões: os meninos mais briguentos e que normalmente resolviam problemas usando a força física, mais tarde eram os que deixavam a escola e aos trinta anos tinham ficha na polícia por crimes violentos.

Observando depois os filhos desses homens, na escola eram briguentos como os pais, parecendo ter aprendido essa lição no dia a dia, onde as relações familiares aconteciam no calor dos maus tratos e da violência, principalmente. A tendência dessas crianças é repetir o modelo aprendido.

De acordo com esse modelo de violência, essas crianças eram caprichosamente disciplinadas: se os pais estavam de mau humor, elas recebiam castigos severos; se de bem humor, poderiam ficar em impunes em casa. Assim, o castigo ocorria não pelo feito da criança, mas ao sabor do humor paterno. Eis a receita perfeita para o sentimento de inutilidade e desamparo, e para a sensação de que o mundo é uma grande ameaça e, a qualquer momento, podemos ser atingidos. (...) O que é doloroso

constar é como essas lições deprimentes são aprendidas cedo, e como são terríveis os custos para a vida emocional de uma criança (GOLEMAN 1995 p.211).

Constatando os benefícios que provém de uma relação equilibrada emocionalmente entre pais e filhos, (GOLEMAN 1995) firma que essas crianças geralmente são: hábeis no lidar com suas próprias emoções, mais eficazes na procura de alívio para suas perturbações e, se perturbam com menos frequência, são mais relaxadas biologicamente, com baixos níveis de hormônios de estresse.

Ganham ainda em socialização e popularidade na família e na escola. Por fim, há benefícios de ordem cognitiva; são mais atentas, mais comprometidas, com mais probabilidade de aprender e com mais facilidade. Assim os benefícios obtidos por filhos de pais emocionalmente aptos são uma surpreendente – quase estonteante – gama de vantagens em todo o aspecto de inteligência emocional e em tudo o mais na vida.

A ESCOLA

Com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, motivadas inicialmente pela necessidade financeira, pois se fazia necessário completar o orçamento doméstico, a estrutura familiar sofreu uma mudança significativa, já que a educação dos filhos passou a ser feita pelos avós, tios, babás, totalmente despreparadas e creches muitas vezes sem nenhuma estrutura para realizar este trabalho, até mesmo pela completa falta de conhecimento das necessidades básicas das crianças nesta faixa etária.

Hoje, o mercado de trabalho absorve mão de obra feminina, que conquista a cada dia, espaço em setores onde antes era totalmente masculino. Esta realidade foi ampliando a oferta de escolas para o atendimento às crianças de 06 a 06 anos, tanto no setor privado como público.

O nascimento dessa modalidade de ensino obrigou as autoridades a organizarem toda uma estrutura de funcionamento que pudesse atender as necessidades desses novos estudantes de características tão específicas e particulares de todos os outros já conhecidos no meio educacional. Será que temos claro nos dias de hoje, que estudante é esse?

De uma coisa temos certeza, a escola de Educação Infantil é hoje a base para as outras modalidades de ensino, com um papel fundamental nestes novos tempos. A educação com necessidades tão urgente de novos caminhos, tem como desafio conhecer este estudante, preparar profissionais para essa clientela numa fase de vida ímpar e inserir a família neste contexto educacional.

GOLEMAN (1995) afirma que a família é o berço de nosso potencial humano e o aspecto emocional é o mais importante, considerando que a escola como parte integrante na vida dessas crianças, também tem sua parcela de responsabilidade no desenvolvimento desse potencial. Ele relaciona aqui sete principais ingredientes necessários para o desenvolvimento da criança nesta faixa etária – todos relacionados com a inteligência emocional:

Confiança – O senso de controle e domínio sobre o próprio corpo, comportamento e mundo; dá à criança a sensação que é mais provável vencer do que fracassar nas tarefas e, que os adultos os ajudarão quando precisar.

Curiosidade – Sensação de que positivo e dar prazer em descobrir coisas.

Intencionalidade – Está relacionado com a sensação de ser competente, eficiente.

Autocontrole – Senso de controle interno. Capacidade de moldar e controlar as próprias ações de acordo com a idade.

Relacionamento – Relação de entrosamento com os outros, baseada na sensação de que é compreendida por eles e que os compreende.

Capacidade de se comunicar – Está relacionado ao senso de confiança nos outros e de prazer em estar com eles, inclusive os adultos. Desejo e habilidade comunicar-se verbalmente, trocar ideias e partilhar sentimentos.

Cooperatividade – Habilidade de harmonizar as próprias necessidades com as dos outros nas atividades de grupo.

O PAPEL DO PROFESSOR

Segundo Sócrates (SALTINI, Apud 1999 p.19) o método pedagógico “maiêutica” – comparando com a profissão de sua mãe, que era parteira, dizia ser parteiro de ideias – então o autor afirma que não temos parteiros de ideias, e que este deveria ser o papel do educador.

(...) a escola prima pela capacidade de nos convencer de que não temos ideias, que devemos assimilar as ideias por ela difundidas, as ideias sedimentadas pelos livros, pela cultura. É preciso reverter esses princípios arraigados, abrindo cada vez mais novos espaços para o campo das ideias originais (SALTINI 1999 p. 19)

Segundo SALTINI (1999), as ciências da educação devem ter mais ou menos quatrocentos anos de atraso para recuperar. Continua dizendo de quem está aprendendo e amadurecendo, não é apenas o intelectual e sim um indivíduo inteiro, em constante processo de nascimento e atividades, que cada momento se apresenta de uma forma diferente.

A postura profissional do educador é um currículo oculto que o tempo todo ensina aos estudantes, principalmente, nesta fase de vida onde tudo é aprendido. Esse conteúdo que transmitido de maneira informal corresponde a uma grande parte dos ensinamentos recebidos pelos estudantes, e o principal deles é o afetivo/emocional, que a todo momento está sendo absorvida pelas crianças de forma intensiva e inquestionável.

A responsabilidade com esses tipos de conteúdo deve ser maior, nesta fase da vida do que com os conteúdos explicativos; já que estes são normalmente escolhidos, planejados, organizados metodologicamente, portanto estão sob controle na medida do possível.

Educar exige do educador uma visão de mundo, de homem, de sociedade, além de postura de pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, ética, risco, aceitação e rejeição a

qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, respeito a autonomia do ser educando, bom senso, humildade, tolerância, alegria, esperança, curiosidade, segurança profissional, comprometimento, disponibilidade para o diálogo e, de uma forma geral, sem autonomia não há ensino, nem aprendizagem (FREIRE 1996).

ANTUNES (1998) acredita que um professor para desenvolver o emocional nos seus estudantes, ele também precisa ter uma inteligência emocional desenvolvida, e lista sete qualidades que fazem parte do perfil deste profissional: mentalidade aberta, acentuada inteligência interpessoal (facilidade de relacionar-se com outras pessoas), atitude investigativa (sempre disposta aprender a aprender), senso crítico (segurança para a crítica positiva), desprendimento intelectual (estimulado a crescer a partir de intercâmbio com outros profissionais), sensibilidade às mudanças (pronto para assumir seus erros e a reconstruir a partir deles), empatia e inteligência intrapessoal (capaz de colocar-se no lugar de outro, serenidade para superar críticas severas e que seja livre de estereótipos e preconceitos).

Sendo a Educação Infantil a base da vida acadêmica, e, se é nesta, mais do que em outra época que a inteligência emocional se desenvolve, então concluímos que os educadores que trabalham com esta faixa etária, também precisam ter essas qualidades, pois como ele mesmo diz: “a lista é grande, mas é bem mais fácil do que se imagina, encontrar colegas com esses atributos ou quem sabe, descobrir em nós mesmos a vontade de se construir para esse perfil”. Enfim, esse profissional tem que ter muito entusiasmo - ter Deus introjetado - (ANTUNES, 1998).

ALMEIDA (1999) acredita que o resultado da afetividade: emoção e sentimento fazem-se necessário como suporte para a atualização do professor e sugere então, a necessidade de repensar as relações afetivas em sala de aula. Segundo a autora, essas relações são tão importantes para algumas crianças, podendo até definir sua permanência na escola.

É evidente que a pré-escola é um espaço onde as relações são mais frequentes e transparentes, e o professor tem o papel essencial no desenvolvimento afetivo da criança. Para muitas, o afeto da professora pode significar a continuação da permanência na escola. A entrada é sempre uma situação delicada e difícil, pois representa o primeiro afastamento da família, situação para a qual, frequentemente, as crianças não estão preparadas (ALMEIDA 1999, p. 14).

A falta de clareza do educador sobre a manifestação de sentimento da criança pode prejudicar as relações entre eles, pois a interpretações das situações de forma errada implica em atitudes também erradas comprometendo a confiança da relação.

A professora pode cometer um erro por interpretar uma expressão de alegria como indisciplina. Esse erro de leitura normalmente a leva a reagir com irritação, já que não se encontra preparada para lidar com essa situação. A criança é reprimida sem uma explicação coerente e as lições emocionais ficam deturpadas, confundindo os conceitos ali envolvidos.

AFETIVIDADE E COGNIÇÃO

GOLEMAN (1995), o cérebro não está totalmente formado no nascimento e continua a moldar-se durante a vida, com um ritmo mais intenso de crescimento durante a infância; as crianças nascem com mais neurônios do que reterá o seu cérebro maduro. Por um processo conhecido como “poda”, o cérebro perde ligações neurais menos usadas e forma outras, fortes, nos círculos mais utilizados. Na verdade, as experiências, sobretudo na infância, esculpem o cérebro. Então essas experiências são de vital importância para o seu desenvolvimento cognitivo, já que é um momento privilegiado para sua formação neural.

(...) O esculpimento e a poda dos círculos neurais na infância podem ser um dos motivos subjacentes pelos quais as primeiras dificuldades e traumas emocionais têm efeitos tão duradouros e generalizados na idade adulta. Também podem explicar porque a psicoterapia muitas vezes leva tanto tempo para alterar um desses padrões. (...) Mesmo após a terapia esses padrões tendem a permanecer como tendências subjacentes, embora com uma cobertura de novas instituições e respostas reaprendidas (GOLEMAN 1995, p, 241).

À medida que crescem, as crianças vão amadurecendo e chegando a outros níveis de aprendizagem emocional. Na infância, com pais emocionalmente aptos aprendem elementos básicos de inteligência emocional: aprender a reconhecer, controlar e canalizar os sentimentos, ter empatia e lidar com os sentimentos que afloram.

(...) O sucesso da escola não é previsível tanto pelo capital de fatos da criança ou de sua capacidade precoce de ter quanto por medidas emocionais e sociais: ser autoconfiante e interessado, saber que tipo de comportamento adotar e como frear o impulso para se comportar mal; ser capaz de aguardar sua vez, seguir orientações e procurar ajuda junto aos professores; expressar suas necessidades quando em companhia de outras crianças (GOLEMAN 1995, p. 207).

PIAGET (1991), existe um paralelo constante entre a vida afetiva e a intelectual. A afetividade e o intelecto são indissociáveis e constituem os dois aspectos complementares de toda conduta humana.

Segundo Piaget, o primeiro estágio infantil corresponde aos impulsos instintivos elementares, ligados a alimentação e emoções primárias. No segundo estágio, percepções e hábitos, correspondem a uma série de sentimentos elementares: o agradável e o desagradável, o prazer e a dor etc., assim como os primeiros sentimentos de sucesso e fracasso. Este nível de afetividade concerna uma espécie de egocentrismo geral, se atribuir ao bebê uma espécie de amor a si próprio, de forma consciente e grande por seu corpo, seus movimentos e resultados de suas ações.

Com seu crescimento, vai acontecendo a elaboração do universo exterior e a criança começa a interagir com os objetos ao seu redor, aparecendo então, o terceiro nível de afetividade: caracterizado pela escolha do objeto, pela objetivação dos sentimentos e sua projeção sobre outras atividades que não seja apenas do eu.

Com a evolução das ações, os sentimentos ligados à própria atividade se diferenciam e se multiplicam: alegrias e tristezas ligadas ao sucesso e ao fracasso, esforço e interesses ou fadiga etc.

Com o aparecimento da linguagem, o comportamento da criança é profundamente modificado no aspecto afetivo e no intelectual. Nesta nova fase ela se vê diante de um mundo cheio de possibilidades, descobre as riquezas das trocas com os adultos e com outras crianças. Essas novas experiências, desempenham um papel importante e decisivo para o seu progresso em todos os sentidos. (PIAGET, 1991) esclarece que: “do ponto de vista afetivo, segue-se uma série de transformações paralelas, desenvolvimento de sentimentos interindividuais – simpatia e antipatia, respeito, etc.- e de uma afetividade interior organizando-se de maneira mais estável do que no curso dos primeiros estágios”.

MENINOS E MENINAS – DIFERENÇAS EMOCIONAIS

A forma diferenciada como são educados emocionalmente os meninos e as meninas é uma questão cultural que, apesar da evolução dos tempos modernos, esta concepção educacional inconscientemente acontece na sociedade de uma forma geral, como pré-requisito da formação masculina e feminina.

A preocupação em se direcionar as crianças, contribuindo para reforçar suas tendências sexuais de acordo com os parâmetros da sociedade, reforça esse tratamento diferenciado entre os sexos. As evidências são observadas a todo momento na vida e interferindo decisivamente no dia a dia das sociedades em todas as culturas existentes.

(...) As raízes dessas diferenças, embora em parte possam ser identificadas na infância, no mundo emocional onde vive o menino e no mundo emocional onde vive a menina (...) meninos e meninas aprendem, de forma muito diferente, a lidar com as emoções. Os pais, em geral, falam sobre sentimentos _ com exceção da raiva – mais com as filhas do que com os filhos. As meninas recebem mais informações sobre emoções do que meninos, (...) quando as mães brincam com seus bebês, demonstram determinadas emoções se o bebê é menina, mas não se é menino; quando as mães falam com as filhas sobre sentimentos, falam com mais detalhes sobre suas próprias emoções do que o fazem com os filhos (...) (GOLEMAN 1995, p. 144- 145).

GOLEMAN (1995), ainda argumenta que de acordo com uma pesquisa feita por Leslie Brody Hall a respeito das diferenças de emoções sobre os sexos, eles concluíram que: “(...) pelo fato de desenvolverem a fala mais cedo que os meninos, as meninas têm mais desenvoltura na expressão de seus sentimentos e são mais hábeis que eles no emprego de palavras para avaliar e substituir reações emocionais (...)”.

As manifestações destas diferenças podem ser observadas no dia a dia das crianças, quando nas relações interpessoais com adultos ou com outras crianças, apresentam formas diferenciadas de lidar com a raiva, conflitos, demonstrações de carinho, regras de comportamento de uma forma geral.

Em suma, esses contrastes no aprendizado das emoções promovem aptidões bastante diferentes; as meninas tornam-se “capazes de captar sinais emocionais verbais ou não verbais, de expressar e comunicar seus sentimentos”, e, os meninos, são hábeis em “minimizar emoções que digam respeito a vulnerabilidade culpa, medo e dor”. A

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre o que a escola faz, levando em conta sua trajetória, fica claro que não atende mais as reais necessidades da sociedade atual ou talvez, nunca tenha cumprido realmente seu papel, já que é direcionada pelas políticas públicas, nem sempre preocupada com a real necessidade dos educandos como seres humanos.

A escola que sonha para o futuro, ousa repensar os valores ensinados, as formas de ensino, os condicionamentos para a passividade, o comodismo, a individualidade, apoiados na visão restrita do ser humano, onde a dimensão emocional é reprimida e excluída do currículo, relegando a um plano inferior.

Sonhar com uma escola que realize um trabalho de ser humano para o futuro, respeitando suas potencialidades, dificuldades, facilidades, sentimentos é promover uma educação que leve o educando a uma conscientização do planeta como sua casa, de desenvolver todas as suas inteligências e principalmente desenvolver a inteligência emocional como base para a convivência harmônica entre todos.

A escola como um lugar privilegiado de aprendizagem, não pode fugir de seu papel de proporcionar um ambiente acolhedor, alegre, seguro, contribuindo com profissionais competentes - intelectual e emocionalmente - , adotando metodologias que favorecem a aprendizagem de uma forma integral, objetivando principalmente, formar pessoas equilibradas emocionalmente prontas para enfrentar desafios que estão a nossa frente, realidade triste de violência, onde a ordem de valores está invertida e compromete a sobrevivência do planeta.

A escola precisa conhecer seu estudante, seus sonhos, suas necessidades, sua cultura, suas verdades, para que de forma pedagógica possa direcionar seu aprendizado ao equilíbrio e a felicidade.

Contudo, se os educadores que estão na sala de aula, já possuem a sensibilidade de perceber as necessidades emocionais de seus estudantes, e, se a maioria está envolvida e tentando dar conta desta dimensão tão fundamental para o ser humano, cabe então, a comunidade escolar promover atividades de enriquecimento teórico sobre o tema, envolvendo a família que é parte fundamental neste processo, determinando estratégias de ações, onde o principal objetivo seja a parceria escola/família para uma educação mais equilibrada emocionalmente, formando assim, uma base mais sólida de vida.

REFERÊNCIAS

----. **Alfabetização Emocional: Novas Estratégias.** 9° ed. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1999.

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A Emoção na Sala de Aula.** Campinas, S.P., Papirus, 1999.

ANTUNES, Celso. **As Inteligências Múltiplas e seus Estímulos.** 5° ed. Campinas, S.P.: Papirus, 1988.

EKMAN, PAUL. **A universalidade das emoções.** in GOLEMAN, Daniel Como lidar com emoções destrutivas para viver em paz com você e com os outros: diálogos com a contribuição do Dalai Lama. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a Prática Educativa.** 8° ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARDNER, Howard. **Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas.** Porto Alegre, R.S. Artes Médicas Sul, 1994.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: A Teoria Revolucionaria que redefine o que é Ser Inteligente.** 84° ed., Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 1995.

PIAGET, Jean. Tradução da Prof.^a Maria Alice Magalhães D' Amorim e Prof. Paulo Sergio Lima Silva. **Seis Estudos de Psicologia.** 18° ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência.** Rio de Janeiro: DPA, 1999.